

OS BENEFICIÁRIOS ONG Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria conta como pretende administrar o dinheiro que será arrecadado com o projeto

Assistencialismo não! É preciso ensinar a pescar

POR AMELIA GONZALEZ

Sempre que se ouve falar em Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria, o que vem à mente são os voluntários distribuindo alimento nos bolsões de pobreza localizados no Nordeste ou Norte do país. No entanto, nos grandes centros urbanos também há muito o que se fazer por populações tão ou mais desassistidas, já que unem à miséria a violência. É por isso que a ONG criada por Betinho em 1996 compromete-se com a responsabilidade de usar a quantia arrecadada junto aos gestores do projeto Razão Social para melhorar a qualidade de vida de algumas famílias.

— Vamos escolher uma comunidade no Rio de Janeiro (provavelmente em Santa Teresa). Nesta comunidade, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, faremos o cadastro social das famílias e escolheremos aquelas que tiverem o mais baixo nível de renda para receberem a contribuição — diz Maurício Andrade, coordenador da Ação.

Mas, o mais importante é que este não será, sob hipótese alguma, um projeto essencialmente assistencialista. Tampouco vai se resumir a fornecer cestas básicas às famílias durante o tempo em que a parceria estiver em vigor. A idéia é, com o dinheiro arrecadado, criar condições de vida a pessoas que estejam vivendo em subcondições.

— De nada adianta você dar o que comer às famílias durante um tempo e depois abandoná-las. É preciso muito mais. É preciso oferecer um caminho

para que os desassistidos tenham chances de melhorar sua qualidade de vida — diz Maurício.

Para isso, a Ação da Cidadania vai seguir algumas diretrizes básicas. A primeira preocupação será alfabetizar todos os membros das famílias cadastradas que ainda não foram alfabetizados. Depois disso, serão oferecidas chances para que estas pessoas com-

pletem ainda o Primeiro e o Segundo graus a fim de que possam ter mais chances no mercado de trabalho. Paralelo ao projeto de educação formal, a ONG se preocupará também em inserir estas pessoas na sociedade, oferecendo a elas a chance de tirar os documentos necessários.

— É um absurdo o número de moradores de bairros de uma cidade grande e moderna como o Rio de Janeiro que não têm nem registro de nascimento em pleno século XXI. O documento de identidade e a carteira profissional também são papéis que, ou ficam presos em batidas policiais, ou são perdidos porque não há um local seguro onde eles possam ser guardados. É que muitas vezes essas pessoas dividem barracos pequenos com outras, e pouco lhes sobra de espaço até mesmo para dormir — explica o coor-

denador.

Alimento, educação formal, documentação. Falta ainda um dado muito importante: capacitação profissional. Os membros das famílias assistidas pela Ação da Cidadania com a ajuda do GLOBO e das empresas que serão parceiras no projeto do suplemento Razão Social terão ainda chances de receberem instruções técnicas que os tornem capazes de serem inseridos no mercado de trabalho.

— Vamos ainda criar condições para que os jovens sejam inseridos na sociedade também sob o viés cultural. Eles podem aprender a dançar capoeira, por exemplo. É possível também criar oficinas de jogos, de cantos, de maculelê, de reciclagem de papel. São inúmeras alternativas. — conclui Maurício, que se confessa entusiasmado com mais essa ajuda.

Arquivo/Custódio Coimbra/20-12-2002



NATAL SEM FOME

Voluntários da Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria arrumam os alimentos arrecadados com a campanha Natal sem Fome em 2002 no depósito da Companhia Nacional de Abastecimento localizado em Barros Filho